

UNIVERSIDADE FEDERAL DE AMAZONAS
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUINDO PARA O
DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA?

Bolsista: Layla Cristina Marques dos Santos, FAPEAM

Manaus

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE AMAZONAS
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB-SA/0156/2013

HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUINDO PARA O
DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA?

Bolsista: Layla Cristina Marques dos Santos, FAPEAM

Orientadora: Profa. Dr^a Antonia Silva de Lima

Manaus

2014

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação e aos seus autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, foi desenvolvida pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação e se caracteriza como sub projeto do projeto de pesquisa Bibliotecas Digitais.

RESUMO

Analisa a contribuição da contação de histórias para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita da criança pequena. Para as crianças, a aprendizagem da linguagem oral e escrita é um dos elementos importantes para ampliarem suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais e convívio familiar. Logo a linguagem se constitui um dos eixos básicos na educação infantil, dada sua importância para o desenvolvimento e na formação do indivíduo, para a interação social, na orientação das ações das crianças, na construção de conhecimentos e no desenvolvimento das ideias. Com o intuito de analisar a forma como os professores vêm trabalhando a contação de histórias (metodologia e estratégias utilizadas, aproximações às recomendações do RCNEI) o estudo foi realizado em uma perspectiva qualitativa e utilizado como caminho metodológico a pesquisa de campo, pois ofereceu uma possibilidade maior de aproximação com o estudo do objeto a ser investigado na relação da teoria com a prática. Observou-se 100 (cem) crianças de 4 (quatro) á 5 (cinco) anos e foi entrevistado e observado 5 (cinco) professoras, perfazendo um total de 105 (cento e cinco) sujeitos pesquisados. O estudo revelou que as professoras do Centro Municipal de Educação Infantil - CMEI não estão realizando a contação de histórias nas salas de referência, mas que consta em seus planejamentos a realização de tal prática, não contribuindo, assim, para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita das crianças pequenas, não estando de acordo com os documentos legais para a educação infantil e apresentando uma visão distorcida da realidade vivenciada.

Palavras-chave: Contação de Histórias; Educação Infantil; Linguagem Oral e Escrita.

ABSTRACTS

Analyzes the contribution of storytelling to the development of oral and written language of the child. For children, learning the oral and written language is one of the important opportunities to broaden their inclusion and participation in various social practices and family life elements. As soon language constitutes one of the basic axes in early childhood education, given its importance for the development and training of the individual, for social interaction, the orientation of the actions of children, the acquisition of knowledge and development of ideas. In order to analyze how teachers are working to storytelling (methodology and strategies used, approaches the recommendations of Referential National Curriculum for Early Childhood Education - RCNEI) the study was conducted in a qualitative way and used as a methodological approach to fieldwork, offered as a possibility greater approach to the study of the object to be investigated in the relation of theory to practice. Observed 100 (one hundred) children from 4 (four) shall be 5 (five) years old and was interviewed and observed 5 (five) teachers, in a total of 105 (one hundred and five) subjects studied. The study revealed that the teachers of the Municipal Early Childhood Center - CMEI are not performing the storytelling in the halls of reference, but contained in their planning to conduct such practice, thus not contributing to the development of oral language written for small children, not being in accordance with the legal documents for early childhood education and presenting a distorted view of reality experienced.

Keywords: Storytelling; Early Childhood Education; Oral and Written Language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2 METODOLOGIA.....	16
2.1 Princípios teórico-metodológicos de execução da pesquisa.....	17
2.2 Procedimentos metodológicos.....	19
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
5 REFERÊNCIAS.....	25
6 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES.....	27
7 APÊNDICES.....	29

INTRODUÇÃO

O presente estudo discute a importância do ato de contar histórias no espaço da educação infantil para a formação do futuro leitor. Acredita-se que esta seja uma atividade necessária e imprescindível no processo de desenvolvimento da criança, pois a contação de histórias auxilia na formação humana e, por isso, deve ser valorizada e desenvolvida no meio escolar a fim de potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória, o gosto pela leitura e outras habilidades humanas.

Além de contribuir no processo de aprendizagem e socialização da criança, acredita-se, também, que o ato de contar histórias suscitará discussões acerca do tema proposto. Tal ato incentiva políticas públicas que primem pela valorização da leitura, formação de bibliotecas adequadas à idade da educação infantil e a capacitação dos professores.

A escolha da temática se justifica por se tratar de um assunto que sempre a pesquisadora quis. Por ser pouco abordado no âmbito escolar e como principal motivação o incentivo à leitura, tendo em vista que é o contato com a leitura desde bebê que possibilita o gosto e o prazer pela mesma, também pela falta de recursos (como livros adequados, ambientes favoráveis...) destinados à área e a falta de capacitação para os professores da educação infantil que permita incentivar o ato de contar histórias no ambiente escolar adequadamente.

Quanto mais cedo a criança entra em contato com o livro maior e melhor será a sua compreensão do mundo e conseqüentemente a sua interpretação de textos, além de aprendem a ler mais rápido, por isso é essencial que a leitura seja incentivada na educação infantil, por meio da contação de histórias, para que se torne um hábito e não uma obrigação, só assim teremos a formação futura de um leitor crítico-reflexivo

A escolha da temática desenvolveu-se através das visitas feitas aos Centros Municipais de Educação Infantil - CMEI's - para observações relacionadas a trabalhos de disciplinas do curso de pedagogia. A partir das observações feitas o interesse pelo tema surgiu e, conseqüentemente, o questionamento: a contação de histórias está contribuindo para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita da criança de 4 (quatro) á 5 (cinco) anos? Nesse sentido, há uma necessidade de saber se as professoras trabalham de maneira apropriada ou equivocada com esta prática tão rica que pode desenvolver as múltiplas linguagens na criança.

O tema mostra-se relevante por vivermos em uma sociedade em que as novas tecnologias estão substituindo a literatura em sala de aula. Esta como produto histórico humano necessita ser transmitida às crianças e aos jovens, para que os referenciais da cultura de tradição oral sejam garantidos nesse repasse de geração em geração. Como afirma Abramovich: “[...] é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias e escutá-las é o início da aprendizagem, para ser um leitor e ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo [...]” (ABRAMOVICH, 1997, p. 16).

A pesquisa tem como objetivos: analisar se a prática de contação de historias na educação infantil está contribuindo para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita; identificar a visão dos professores em relação à prática de contação de histórias na educação infantil; e apontar as dificuldades enfrentadas pelos professores no desenvolvimento da prática de contação de histórias na educação infantil.

Nesse sentido, a referida pesquisa pretende contribuir na avaliação de metodologias usadas para trabalhar a contação de histórias na área da educação infantil, para o pleno desenvolvimento da linguagem oral e escrita da criança, trazendo, assim, reflexões dos educadores sobre suas práticas dentro da sala de aula relacionadas a este tema. Além de contribuir para a sociedade em geral, visto que as crianças são o futuro da nossa sociedade, buscamos oferecer subsídios para a construção de pessoas mais comunicativas, criadoras e críticas.

O estudo da temática inicia com um breve histórico da literatura infantil, apresenta conceitos fundamentais para o esclarecimento da temática estudada, tais como, criança, infância, contação de histórias, etc., enfoca a importância de ouvir histórias e do contato da criança desde cedo com o livro e finalmente esboça algumas estratégias para desenvolver o hábito de ler.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As histórias estão presentes na cultura há muito tempo, e contar histórias é a mais antiga das artes, desde os primórdios da história se usa a linguagem oral para se transmitir histórias de geração em geração, com o tempo, e a invenção da imprensa, ouve a necessidade de registrar o que estava vivo na memória dos contadores de histórias e é por meio dessa contação que surgiu a literatura e o desejo de compartilhar conhecimento.

Ao discorrer sobre contação de histórias, faz com que seja discutida a literatura infantil e hoje uma das maiores especialistas brasileiras nesta área é Regina Zilberman que já publicou vários livros sobre a literatura infantil e como ela pode tornar-se um instrumento de emancipação da criança, formando uma criança questionadora da realidade, e tornando a leitura um momento de prazer para elas. Assim, se pronuncia:

Trata-se, pois, mais uma vez de dar relevo à função formadora da leitura, pois é seu desenvolvimento que incrementa no leitor a capacidade de compreender o mundo e investigá-lo, e de, ao mesmo tempo, pôr em tela de juízo o comportamento que promove obras e as considera boas, porque transmitem valores socialmente úteis, que só interessam ao adulto. (ZILBERMAN, 1982)

Ao mesmo tempo em que discute acerca da emancipação da criança por meio da leitura, ela protesta ao afirmar, por exemplo, que os autores utilizam a literatura infantil como meio de transmitir os valores incutidos na sociedade, mas que não interessam à criança e sim ao adulto, portanto:

Seja através da atuação do narrador que bloqueia ou censura a ação de suas personagens infantis; seja através da veiculação de conceitos e padrões comportamentais que estejam em consonância com os valores sociais prediletos; seja pela utilização de uma norma linguística não atingida por seu leitor. (ZILBERMAN, 1982)

Apesar de todas as situações enfrentadas, a literatura infantil parece ter, nos últimos anos, ganhado força e espaço no âmbito escolar. E é neste contexto que pode ser introduzida a contação de histórias, como um meio que possibilita o reforço dessa conexão entre escola e literatura, pois a utilização de histórias na Educação Infantil propicia à criança o desenvolvimento da imaginação e da interpretação da realidade.

Segundo Zilberman (2003) os primeiros livros infantis surgiram no século XVII, na Europa, através da necessidade da escrita das histórias contadas oralmente.

Durante o século XVIII, houve uma nova concepção de infância, que conseqüentemente fez surgir um novo modelo familiar, o unicelular. Ocorreu então a necessidade de reformular a escola da época e a literatura infantil exerceu um papel essencial nesta nova sociedade, o de criar novos hábitos e passar valores às crianças.

O início da literatura infantil pode ser marcado com Perrault, entre os anos de 1628 e 1703, com os livros "Mãe Gansa", "O Barba Azul", "Cinderela", "A Gata Borralheira", "O Gato de Botas" e outros. Depois disso, apareceram os seguintes escritores: Andersen, Collodi, Irmãos Grimm, Lewis Carrol, Bush. No Brasil, a literatura infantil pode ser marcada com o livro de Andersen "O Patinho Feio", no século XX. Após surgiu Monteiro Lobato, com seu primeiro livro "Narizinho Arrebitado" e mais adiante, muitos outros que até hoje cativam milhares de crianças, despertando o gosto e o prazer de ler.

Apesar de todas as situações enfrentadas, a literatura infantil parece ter, nos últimos anos, ganhado força e espaço no âmbito escolar. Abramovich (1997) afirma que:

"[...] é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias e escutá-las é o início da aprendizagem, para ser um leitor e ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo..." (ABRAMOVICH, 1997, p. 16)

E é neste contexto que pode ser introduzida a contação de histórias, como um meio que possibilita o reforço dessa conexão entre escola e literatura, pois a utilização de histórias na Educação Infantil propicia à criança o desenvolvimento da imaginação e da interpretação da realidade.

As atividades de contação de histórias oferecem às crianças momentos prazerosos, chamando a atenção para a possibilidade de um futuro interesse por leituras, além de proporcionar uma ocupação sadia das suas horas, o enriquecimento do vocabulário, a facilidade de expressão, o aperfeiçoamento da linguagem e da capacidade de atenção, ou seja, a criança obtém novos conhecimentos.

O hábito de ouvir e de contar histórias parece ter inúmeros significados, e estar interligado ao desenvolvimento da imaginação, à capacidade de ouvir o outro e de se expressar, à construção de identidade e aos cuidados afetivos. A história contribui para auxiliar o ouvinte a ir resolvendo questões de ordens internas aos seus sentimentos e emoções, carências afetivas geradas pela ausência de entes queridos.

Poucos autores abordam sobre a contação de histórias, seja ela informal ou no contexto escolar, mas Celso Sisto, que é um contador de histórias, crítico e especialista em literatura infantil e juvenil, aponta em um de seus trabalhos que a contação de histórias possibilita que a criança entre em contato com várias linguagens e adentre no mundo mágico do imaginário. Neste lugar em que tudo pode acontecer, pela sua audição e o professor como um mediador desse fato deve saber se expressar para passar a emoção que o livro contém e fazer com que a criança realmente crie na sua fantasia a história contada pelo livro. Por isso o autor afirma que:

A arte de contar exige um fazer anterior, um preparo, um domínio prévio, um conhecimento, estudo, ensaio, profundidade. E é, evidentemente, exercício de longo prazo. A arte de contar histórias é também a arte de não fazer concessões: contar bons textos, contar tendo preparado, contar para ir além do que se conta. No mínimo, técnica e emoção. Técnica e repertório. (SISTO, 2001)

Sisto (2001) também relata em seu livro como o professor/contador tem que está preparado para ler as histórias, escolhendo o livro de acordo com a idade do ouvinte, adequando as palavras ao mesmo, e é claro passar a emoção e o prazer contido nos livros através de seus gestos e da palavra falada. Através disso, proporcionar liberdade para que a criança possa também reescrever a história, não só na sua imaginação, mas também por meio de desenhos, gestos, maquetes e, até mesmo dando a possibilidade de torná-los novos contadores, pois “[...] nenhum contar é definitivo e pronto e acabado. Toda história contada oralmente é antes de tudo, uma obra em processo, que precisa do outro para ser completada” (SISTO, 2001).

O referido autor afirma que a arte de contar histórias “[...] é a união de muitas artes: da literatura, da expressão corporal, da poesia da música, do teatro”. Ao se contar/ler histórias, o leitor é capaz de emocionar com a voz, com gestos, com o corpo, com a expressão, o outro. É falar de um mundo visitado pelo leitor e recriado na imaginação do ouvinte. É importante destacar que o primeiro contato com os textos e a leitura, enfim, com o mundo é mediado pela voz do adulto.

Sendo assim, é possível afirmar também que a mediação do professor é fundamental para a formação de crianças leitoras. Desse modo, é presumível dizer que é com o contato da criança desde muito cedo com os livros, ouvindo histórias, que pode além de despertar o gosto pela leitura, influenciar para que a criança possa progredir mais rapidamente no processo de compreensão dos símbolos e signos (palavras) para o desenvolvimento da leitura. A respeito disso, Cole ao citar os estudos de Montessori assinala que:

Montessori mostrou que o jardim-da-infância é o lugar apropriado para o ensino da leitura e da escrita; isso significa que o melhor método é aquele em que as crianças não aprendam a ler e a escrever mas, sim, descubram essas habilidades durante as situações de brincar. (COLE, 1991)

Portanto, Cole (1991) ao citar Montessori, relata que a educação infantil é um lugar apropriado sim para introduzir o ensino da leitura para as crianças, mas não é passar códigos para que as crianças possam aprender a decodificá-

los, mas trabalhar de forma lúdica, como por meio da contação de histórias. Assim, é possível trabalhar a valorização e o gosto pela leitura cuidando para que as crianças gostem, de forma lúdica, na qual elas possam interagir com a mesma fazendo sua própria reinterpretação das histórias e para que elas queiram pegar nos livros e “ler”.

Nesse sentido, nem toda história vem do livro pronta para ser contada, mas se pode adaptá-la ao nível da criança, com adaptação verbal que facilita sua compreensão e a torne mais dinâmica, mais comunicativa. É necessário fazer uma seleção do que se pretende trabalhar com as crianças, levando em conta, entre outros fatores, o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte, sua faixa etária, suas condições sócio-econômicas e culturais, seus anseios, interesses e necessidades afetivas.

Esse primeiro passo é mais demorado, recomendando-se dedicação, cuidado, compromisso, observação do conteúdo da obra, seu poder emancipador ou se está voltada para a função pedagógica, de repasse de valores morais. Às vezes, leva-se algum tempo pesquisando em livros e revistas até se encontrar a história adequada à faixa etária e que atenda aos interesses dos ouvintes e ao objetivo específico que a situação requer.

Muitas vezes, é necessário, também, levar em conta o estilo e o gosto pessoal do narrador, que no caso, é o professor preocupado em chamar a atenção da criança. Com o intuito de ajudá-la a desenvolver a expressão oral, a imaginação, o pensamento lógico, a linguagem imagética e a organizar suas estruturas internas ligadas à emoção e aos sentimentos.

Citando os indicadores que orientam o mediador/contador de histórias na seleção das mesmas, destaca-se o conhecimento dos interesses predominantes em cada faixa etária. Há publicações específicas e, segundo Bety Coelho (1999, p.14), o narrador busca cumprir seu papel de fazer a escolha da obra, tendo em vista, a qualidade literária, mesmo quando se tratar de histórias de tradição popular. É necessário verificar seu efeito estético, saber se se trata de um assunto interessante, bem trabalhado, se é original, se demonstra riqueza de imaginação e se consegue agradar as crianças.

Faz-se importante observar a linguagem na sua coesão e na sua coerência, deve ser uma linguagem de bom gosto, simples, sem ser vulgar nem rebuscada. Deve-se verificar os recursos onomatopaicos e as repetições, os quais contribuem para tornar a história mais interessante e dão mais força às expressões e aos sentimentos do ouvinte.

Parte-se do pressuposto que uma boa história agrada a todos. Ao se narrar uma história para crianças pequenas, é necessário respeitar-lhes as peculiaridades, sobretudo seu estágio emocional, suas percepções visuais e auditivas, sua forma de ver o meio em que está inserida. O ouvinte é a prioridade do mediador de histórias. Este, por sua vez, não pode perder de vista seu destinatário que é a criança e o seu contexto mais próximo, a sua família, seus brinquedos e brincadeiras e os jogos que participa.

Em se tratando da imaginação criadora na relação com a literatura infantil, pode-se citar Vygotsky (1982), falando da capacidade criadora do homem em que ele diz que essa capacidade se inicia desde os primeiros anos de vida, com todo seu vigor. Desde os primeiros anos de sua infância a criança apresenta processos criadores que se refletem, sobretudo, em seus jogos. O teórico diz que para se compreender melhor o mecanismo psicológico da imaginação e da atividade criadora é preciso antes entender a vinculação existente entre a fantasia e a realidade na conduta humana.

A fantasia deve ser exaltada, valorizada, por apresentar um papel importante no desenvolvimento da imaginação criadora. A fantasia articula o pensamento imaginativo com a realidade, auxiliando o ouvinte a ir buscar na sua mente, no seu coração as soluções para os medos, as inseguranças, as carências afetivas e a toda espécie de novidade causada pelo poder estético da obra.

2 METODOLOGIA

Usamos, para realizarmos o estudo pretendido, a abordagem qualitativa, partindo da premissa de que este tipo de pesquisa é a que nos ajudou a apreender os fenômenos sociais e os sujeitos envolvidos nele. Como relembra Fazenda (2008), os dados coletados no decorrer da pesquisa qualitativa compreendem os sujeitos em suas especificidades, baseando-se nas relações que estabelecem no meio social em que vivem.

Para atingirmos os resultados propostos, utilizamos como caminho metodológico a pesquisa de campo, oferecendo possibilidade de maior aproximação no estudo do objeto a ser investigado na relação da teoria com a prática. Assim, almejamos analisar a forma como os professores vêm trabalhando a contação de histórias (metodologia e estratégias utilizadas, aproximações às recomendações do RCNEI). Desta maneira, abordamos o quadro de professores, num total de 5 (cinco), a serem entrevistados e observados, e crianças de 4 (quatro) á 5 (cinco) anos num total 100, a serem observadas, no turno vespertino, do Centro Municipal de Educação Infantil Ômega* localizado na Rua B-1, s/n, Japiim I.

Por considerarmos que a participação do sujeito dentro da pesquisa é “[...] um dos elementos de seu fazer científico [...]” (TRIVIÑOS,1995. p. 138), tencionamos usar técnicas e métodos que “[...] reúnem características que ressaltam sua implicação e da pessoa que fornece as informações.” Assim, no primeiro momento, fizemos um levantamento bibliográfico dos autores que nos auxiliaram na pesquisa acerca da temática a ser estudada.

No segundo momento, fizemos observação dirigida dentro das salas de aula, para verificação das metodologias e estratégias utilizadas. No terceiro momento, realizamos entrevista semiestruturada com os professores,

identificando a visão de cada um sobre a importância da contação de histórias, para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita da criança pequena, bem como buscar identificar nas falas o que eles relatam sobre como estão trabalhando essas narrativas com as crianças em sala de aula.

Após a coleta de dados, partimos para a sistematização e análise em que utilizamos o enfoque fenomenológico, que como define Fazenda (2001) são etapas em que se compreende e interpreta o fenômeno, ou seja, consiste na percepção dos fenômenos, compreensão dos dados obtidos pela análise interpretativa, em que analisamos a realidade do CMEI e as proposições do RCNEI para o trabalho com o tema estudado frente ao processo de formação pessoal e social da criança.

Fizemos um estudo de caso, que segundo Diehl e Tatim (2004, p. 61), “[...] pode ser definido como um conjunto de dados que descrevem uma fase ou a totalidade do processo social de uma unidade, em suas diversas relações internas e em suas fixações culturais”. Através das entrevistas, identificamos as visões dos professores e a partir da observação analisamos suas falas e suas atitudes em sala de aula, bem como as metodologias utilizadas.

*O nome do CMEI é fictício para preservar a identidade do mesmo.

2.1 Princípios teórico-metodológicos de execução da pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida de acordo com a perspectiva qualitativa, pois acredita-se que é a que mais ajuda em sua compreensão. É de natureza fenomenológica, que se caracteriza por ser uma ciência que propõe a humanização, procurando desvendar a realidade além da aparência, além da sua manifestação no cotidiano.

O método fenomenológico caracteriza-se por uma preocupação em relatar uma descrição pura da realidade, do fenômeno. Diante dos fenômenos, o método fenomenológico deve descrevê-los tais como se manifestam. Sua tarefa fundamental consiste em tornar os fenômenos visíveis e aparentes como

tais. Heidegger, citado por Galeffi, relata sobre o que se trata o método fenomenológico:

Justo o que *não* se mostra diretamente e na maioria das vezes e sim se mantém *velado* frente ao que se mostra diretamente e na maioria das vezes, mas, ao mesmo tempo, pertence essencialmente ao que se mostra diretamente e na maioria das vezes a ponto de constituir o seu sentido e fundamento. (HEIDEGGER, 1988 *apud* GALEFFI, 2000)

Neste sentido, podemos afirmar que aquilo que na maioria das vezes “não se mostra e sim se mantém velado...” é o único fenômeno que interessa à investigação fenomenológica, ou seja, o que interessa a esta ciência é mostrar aquilo que aparenta ser, o que parece, mas que na verdade pode não ser o que é, e por ser considerada banal, uma situação corriqueira não é dada a devida atenção e acaba se transformando em algo sem sentido, um evento familiar. E o que a fenomenologia vem fazer é por a mostra tudo o que está escondido, encoberto pela banalidade. Além de que:

As pesquisas de enfoque fenomenológico constituem, pois como etapas de compreensão e interpretação do fenômeno – que poderia ser retomado e visto sob nova interpretação. (FAZENDA, 2001).

A pesquisa de ordem fenomenológica, portanto, nasce da compreensão do nosso viver, ao percebermos os fenômenos compreendemos de uma maneira, a qual nunca aviamos interpretado, então é gerado uma nova compreensão e assim sucessivamente num, como afirma FAZENDA (2001), ciclo hermenêutico de compreensão - interpretação - nova compreensão.

Para esta pesquisa, de natureza qualitativa com fundamentação teórica na fenomenologia, foi escolhido o estudo de caso, por ser o melhor meio para a compreensão do objeto a ser estudado.

Segundo Triviños (1987) estudo de caso “[...] é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente”, o qual nos permite revelar a multiplicidade de aspectos presentes em uma dada situação.

Para o seu desenvolvimento houve o levantamento bibliográfico, o qual tem a premissa de ser um estudo profundo sobre autores que abordam o tema proposto. E para maior aprofundamento do estudo houve uma pesquisa de campo, que segundo Minayo (1992) pode ser caracterizado como um recorte que o pesquisador faz do espaço para representar a realidade a ser estudada.

2.2 Procedimentos metodológicos

Como instrumentos para o levantamento das informações acerca da pesquisa foram utilizados a observação e entrevista estruturada, visando o melhor entendimento do tema.

Na observação direta constavam alguns pontos a ser observados, tanto na atuação do (a) professor (a), quanto nas atitudes das crianças em relação ao que estava sendo exposto pelo (a) professor (a).

A entrevista estruturada consiste em fazer uma serie de perguntas a partir de um roteiro preestabelecido, no qual constavam perguntas a serem respondidas pelo (a) professor (a) com o intuito de investigar se e como é realizado na prática pedagógica a contação de histórias.

2.2.1 Pesquisa de campo

Inicialmente foi conversado com a diretora para a autorização da pesquisa, após os esclarecimentos foi entregue o termo de conhecimento e autorização. Posteriormente a gestora conduziu até a sala da professora e onde relatou o motivo da visita, a observação foi feita em dois meses nas salas de aula para ver se no cotidiano havia a presença do tema em questão e visava observar a atuação das professoras durante a situação da contação de histórias, a entrevista com as professoras foi feita somente no terceiro mês da investigação, enquanto as crianças estavam na biblioteca com outra professora se procurava realizar a entrevista. No final da observação nas salas de aula foi

feita a visita nos outros ambientes da escola para a verificação das suas dependências.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por ser uma pesquisa situada no campo das investigações qualitativas, tomamos por base a análise descritiva e interpretativa para produzir uma das leituras possíveis, para descrever e interpretar os dados coletados.

A observação foi feita em um grupo de aproximadamente 100 crianças, a média de idade das crianças era de quatro e cinco anos, em 5 salas do CMEI e a atuação das professoras também foi observada.

O período da observação se situou em três pontos, que foram a sala, a metodologia utilizada pela professora e as vivências das crianças, os quais descrevemos divididos em tópicos.

Em um primeiro momento tivemos mais oportunidade de observar a sala de aula com seus aspectos físicos e decorativos tais como: se havia algo na decoração que lembrasse contação de histórias, se existia na sala, ou na escola, algum lugar específico para tal prática e se havia recursos que possibilitassem o trabalho com o referido tema.

O que foi percebido é que as salas possuem um cantinho onde tem um painel feito de TNT com figuras ao redor (castelo, príncipe, fada, árvore, joaninhas, borboletas e estrelas), onde acreditava que eram contadas as histórias, então pude inferir que existia um lugar para a prática da contação de histórias, em relação à terceira questão foi possível observar que haviam livros em cima de uma cadeirinha no fundo da sala, que ficavam em um local de fácil visualização e de fácil acesso para as crianças, além de estarem perto do cantinho com o painel.

A metodologia utilizada pelas professoras não pode ser observada no primeiro momento, pois as mesmas não fizeram nenhuma contação de histórias, mas pela sua fala e a das crianças foi possível deduzir que elas

havia contado uma história no dia anterior a nossa ida no CMEI e que estavam dando continuidade ao que foi trabalhado na aula anterior a partir da história contada.

No segundo momento houve a atividade de contação de histórias, no qual uma professora estendeu um tapete, feito com pedaços de TNT, no chão e pediu para as crianças sentarem, todos prontamente sentaram, só um ou dois não quiseram sentar no “tapete mágico” como a professora o chama.

Logo após todos estarem devidamente acomodados a professora apresentou o livro que se chamava “pena de pato e de tico-tico”, de Ana Maria Machado, e começou a contar a história, pude perceber que ela tinha uma entonação boa, que quando mudava de personagem ela fazia quem escutava perceber que a fala tinha mudado, fazia também algumas expressões e gestos, e as crianças todo tempo estavam atentas à leitura, foi muito interessante porque a professora fez perguntas sobre a história, depois de ser lida apenas uma vez, e as crianças responderam prontamente, ou seja, fizeram a interpretação do texto oralmente.

Em relação às crianças foi possível observar que elas tiveram uma participação muito ativa, contribuindo ao contar fatos ocorridos com eles ou dando ideias, tanto no decorrer da história, quanto ao final na hora dos questionamentos da professora. Um fato que ocorreu foi a professora perguntar se tinha alguém que queria contar a história para a turma dois meninos se manifestaram, mas quando ela chamou um ele não quis mais ir, então chamou o outro, ela foi folheando as páginas e ele contando a história, o mais interessante é que ele falava como se estivesse realmente lendo, não as imagens mais o texto propriamente dito, com as pausas de uma sílaba para outra, como uma criança que está no processo de alfabetização.

Logo após a contação do aluno a professora pediu que saíssem devagar do tapete e fossem para as suas cadeiras, enquanto distribuía folhas em branco, lápis, pincel e lápis de cor, e solicitou que fizessem um desenho sobre a história que acabara de contar ou que fizessem a parte que mais gostou da história.

Depois de feita a observação, foi feita uma entrevista com cada professora com o intuito de saber se essa prática é frequente nas suas turmas ou não. Foi perguntado primeiramente se as crianças tinham contato com o livro dentro da sala ou ir ao menos um a vez na biblioteca, pois já sabia que havia uma nas dependências da escola, e as professoras responderam que uma vez por semana as crianças vão para a biblioteca da escola com outra professora, a qual as vezes passa filme outras vezes conta historias ou ainda deixa as crianças manusearem os livros livremente.

A segunda pergunta foi a respeito da metodologia utilizada pelas professoras nas contações de história, elas responderam que utilizam muitas formas de contar histórias na sala como fantoches, livros, dramatização, com musica, histórias através do DVD, um avental (onde os personagens são colocados conforme vão entrando na história) e com musicas que contam histórias.

Em relação à terceira pergunta que era sobre a importância de trabalhar a contação de história na sala de aula da educação infantil, as professoras disseram que o trabalho com o tema ajuda no desenvolvimento da linguagem oral, a imaginação, a criatividade, ajuda na própria construção da leitura, fazendo com que a criança comece a ter um prazer pela leitura, quanto mais histórias você conta, mais vai fazer parte da vida dela, com isso então vai adquirindo um gosto pela leitura.

Notou-se que as práticas de contação de história são pontuais, as professoras não costumam contar histórias para as crianças e quando isso acontece, não há um planejamento, uma intencionalidade, um objetivo claro. Elas não têm clareza de qual ou quais seriam as contribuições da literatura infantil no desenvolvimento das linguagens na criança, no que se refere à linguagem oral e linguagem escrita. Não há nenhuma preocupação nessa direção.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a educação infantil, mais ainda sobre a contação de histórias neste tipo de instituição é de suma importância, pois a mesma deve proporcionar sempre um ambiente enriquecedor, com varias atividades que despertem a autonomia, a imaginação e trabalhem as múltiplas linguagens.

Contar histórias em sala de aula é extremamente necessário, pois mexer com o imaginário infantil é uma influência muito benéfica na formação da personalidade da criança, principalmente, no primeiro ciclo de sua infância, porque através da assimilação dos conteúdos da história há uma fusão entre o real e o imaginário.

A criança identifica-se com as personagens e “vive” o drama que ali é apresentado de uma forma simples, porém impactante, ao mesmo tempo em que as histórias distraem a criança, apresenta-lhe virtudes e defeitos, isso pode ser realizado a partir da contação dessa narrativa. Através dela, o processo de ludicidade se efetiva de uma forma emancipadora, contribuindo com o desenvolvimento da expressão oral, visual, dos gestos, da estética e da ética, através dos valores compostos nas histórias.

Diante do que foi detectado nas salas de aula do CMEI estudado, pergunta-se o que realmente se quer com a educação das crianças pequenas. Como os educadores daquela instituição de educação infantil buscam ajudar os pequenos a se desenvolverem nas várias linguagens?

5 REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.leffa.pro.br/textos/abnt.htm#5.9.1>>. Acesso em: 7 de dezembro de 2011.

_____. **NBR 6023**: Informação e Documentação - Referências - Elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002b. Disponível em: <<http://www.leffa.pro.br/textos/abnt.htm#5.9.1>>. Acesso em: 7 de dezembro de 2011.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1999.

COLE, Michael (Org.). A pré-história da escrita. In: _____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 119-134.

FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRA, A. B. H. **MiniAurélio século XXI: o minidicionário da Língua Portuguesa**. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2005.

GALEFFI, Dante Augusto. **O que é isto — a fenomenologia de Husserl?** [S.l., s.n.], 2000 .

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó, SC: Argos, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKY, L.S. **La imaginacion y El arte em la infancia.** Madrid/Espanha. Akai, 1982.

ZIBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 2. ed. São Paulo: Global, 1982. (Teses1)

9	- Preparação da Apresentação Final para o Congresso. (atividade obrigatória)											R	R
---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---	---

7 APÊNDICES

1. Roteiro de observação e entrevista



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA



DISCIPLINA: Projeto de Pesquisa II

PROFº: Rosenir Lira

TRABALHO DE CAMPO

Tema: Contação de histórias na educação infantil: um incentivo a formação de leitores.

Aluna: Layla Cristina Marques dos Santos

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO NO CMEI

1. CMEI: Dr. Fernando Trigueiro
2. Identificação da turma de crianças:-

SALA DE AULA	
<ul style="list-style-type: none">- Na decoração da sala há algo que lembre a contação de histórias, ou a leitura?- Existe algum cantinho específico para a contação de histórias na sala ou na escola?- Há recursos materiais que possibilitem o trabalho com o tema em questão? Quais?	

ABORDAGEM METODOLÓGICA	
<ul style="list-style-type: none"> - É contada histórias para as crianças? Qual é a metodologia utilizada? - Quando é feita a contagem de histórias as crianças se interessam pelo livro ou não prestam atenção no que está sendo contado pelo(a) professor(a)? - Após a contação de histórias as crianças tem a oportunidade de manusear o livro lido? - As crianças são incentivadas, após a leitura, a falar sobre a história? Eles quiseram contar novamente? - Como é feita a contação pelo(a) professor(a)? De forma calma, pausada e com expressão ou não? 	
CRIANÇAS	
<ul style="list-style-type: none"> - Houve vivências e experiências em que as crianças puderam se expressar por múltiplas linguagens como o desenho, a pintura, os jogos e brincadeiras, a dança, a poesia, a oralidade, o canto e a música? - A criança teve oportunidade para expressar suas descobertas, dúvidas, ideias? Como? - Que dificuldades ficaram aparentes? 	
PROFESSORA	
<ul style="list-style-type: none"> - As crianças tem oportunidade de pelo menos uma vez por semana visitar a biblioteca ou manusear livros na sala de aula? - É contada histórias para as crianças? Qual é a metodologia utilizada? - Você acha importante a contação de histórias na educação infantil? Porquê? - Em que orientações é embasada essa prática? - É feito algum projeto que envolva a contação de histórias? - Após a contação de histórias as crianças tem a oportunidade de manusear o livro lido? - Qual a formação do(a) professor(a)? Desde quando trabalha na área? O fez escolher a educação infantil? 	

Apêndice B-- Fotos tiradas de objetos da sala de aula que lembram a contação de histórias



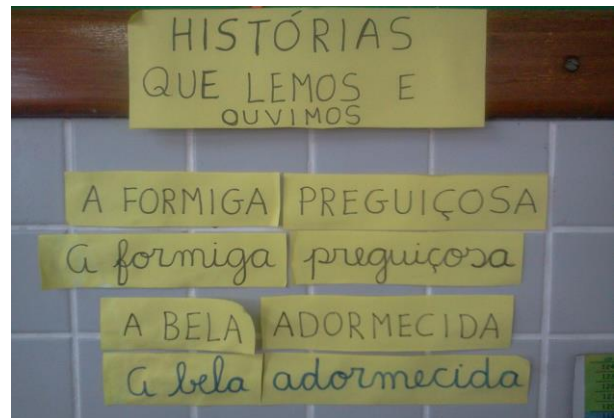
O "tapete mágico"



Painel do cantinho da leitura



Caixinha com fantoches, avental, etc. professora.



Histórias que foram lidas pela professora.

Apêndice C- Imagem do livro contado pela professora.

